

X-9: Uma dupla representação

LUIZ CARLOS SEREZA

Estamos em 1959, mais precisamente à primeira quinzena de junho. Um pequeno Auto *Willys* sai de um depósito rumo ao centro da cidade. Nele, vários pacotes foram amarrados com barbante e estão cuidadosamente ajeitados para que a carga não sofra avarias. O motorista do caminhão confere o horário em seu relógio, observando que há tempo de fazer uma parada antes da entrega. Desce do *Willys* e sai com uma pressa comedida, afinal, não quer que recaiam suspeitas sobre ele. Na esquina, dois policiais passam com ar zombeteiro e carrancudo pelo motorista. Este, mais que rapidamente, entra em um botequim e com grande satisfação pede ao homem atrás do balcão uma *Coca Cola*, não se podia negar uma bebida que era consumida “em mais de 80 países”, ainda mais, em um dia tão quente. Volta ao *Willys* e inicia novamente sua missão. Em uma revistaria no centro, outro homem espera impaciente, percebe de longe, a chegada do pequeno caminhão e acena com grande veemência. Mais que rapidamente, o motorista pára e inicia a descarga dos pacotes lançado-os à calçada, para em seguida sumir pelas ruas da cidade. Com cuidado, o homem que ficara desembrulha os pacotes e os dispõem em algumas prateleiras: acaba de chegar mais um número da revista “X-9” às bancas.

Esta historietta deve ter se repetido centenas de vezes em grande parte do território brasileiro entre os anos de 1930 a 1964 (não apenas com a “X-9”, mas também com outras revistas do gênero como “Meia Noite”, “Suspense”, “Policia em revista”, etc.). Pode-se perceber, neste período, uma modificação na produção editorial brasileira. Nestes anos, as novas tecnologias gráficas juntamente com a profissionalização dos grupos chamados *syndicates*¹, fizeram emergir uma grande gama de produções editoriais das mais variadas. Revistas compostas de textos traduzidos seguiam a produção norte americana de perto, dividiam-se em vários gêneros e, até mesmo as revista de grande porte, traziam artigos vendidos pelos sindicatos.

Dois aspectos saltam aos olhos quando nos deparamos com estas produções: a receptividade dos leitores brasileiros a estas revistas e a modificação do mercado editorial que se volta a uma fase de receptividade de textos voltados para grandes públicos. É a entrada da produção de massa no mercado editorial.

Estes dois dados são integrantes do mesmo “movimento” que se inicia no Brasil, a partir de 1930, construindo uma nova esfera pública, embora, este evento seja mais abrangente que o desenvolvimento de um mercado editorial ou que o interesse por um determinado tipo de leitura. Estas duas últimas questões podem auxiliar no esclarecimento da formação desta esfera pública, assim como sua problematização pode fornecer fomento para outros questionamentos referentes aos anos 60 e 70. Esperamos que, ao final deste trabalho, alguns apontamentos iniciais para esta possibilidade sejam desenvolvidos. Para tanto, este trabalho se divide em três partes: a apresentação da revista X-9; os quadrinhos “O agente secreto X-9”; por fim o problema do público e privado nesta história em quadrinho.

A revista X-9

Foi na década de 1930 que surgiu nos EUA uma produção conhecida como *Dime-detect*. Estas publicações realizavam interpolação de discursos que remetiam a antigas histórias do oeste americano, publicadas em baixa qualidade e vendidas a preços baixos – daí a utilização do termo *Dime* – e, ao mesmo tempo, citavam o gênero policial fundado pelos três textos clássicos de Edgar Allan Poe, “Assassinato na Rua *Morgue*”, “A carta roubada” e “O mistério de Marie Roget”. Estas produções se materializavam em revistas como a *Black Mask* onde diversos escritores enviavam textos aos editores que, quando aceitavam os trabalhos, pagavam os autores por palavras², o que representa inicialmente um interesse por textos longos, que pudessem ser seriados e fizessem com que o leitor comprasse o número do mês seguinte³. Dashiell Hammett, o fundador do romance negro ou romance *noir*, iniciou sua carreira de escritor nesta revista. Foi na *Black Mask* que Sam

Spaid, seu detetive, ganhou forma, assim como o seu estilo que seria copiado por diversos autores posteriormente.

Diferente da revista estadunidense, a X-9 era uma compilação de textos traduzidos⁴, teve seu início na década de 1940. A revista apresentava poucas seções, haja vista, que em média cada publicação tinha em torno de oitenta páginas. No conhecido “formato americano”, trazia em suas capas quase sempre jovens mulheres em diferentes ocasiões: armadas, assustadas, estranguladas. Tudo determinado pelo conjunto de histórias que nela estavam veiculados.

Além de quadrinhos e novelas policiais, em suas páginas outra seção tinha grande destaque era o “suplemento amarelo do crime”, uma espécie de inversão da famosa seção “Flagrantes da Vida Real” da Revista Seleções do *Reader Digest*. Se na última, as moralizações edificantes de grandes feitos, realizados por pessoas comuns eram expostas aos leitores da revistas Seleções, no caso da X-9, eram os latrocidias, homicidas e toda uma gama de comuns que realizavam feitos ediondos e estavam representados em histórias, não menos terríveis, que demonstravam a eficácia da polícia e do sistema penal para resolver problemas de sociabilidades.

Em geral, os grandes nomes da literatura policial podiam ser encontrados na revista. Mas, na década de 1950, a produção de Hammett, autor de vários livros e mais de oitenta contos, não foi veiculada.

A figura de Hammett, assim como a revista *Black Mask*, nos serve, por alguns motivos: o título X-9 foi uma apropriação de um dos trabalhos de Hammett: *Agent Secret X-9*⁵, além deste fator, a revista trazia a história em quadrinhos⁶ em formato seriado, que podia variar com o seu fechamento, com a publicação de três a seis páginas da história por revista. No entanto, na década de 1950, a HQ já não tinha mais seu roteiro desenvolvido por Hammett e nem mesmo era desenhada Alex Raymond – este último o criador de Flash Gordon e Buck Roger HQs, recebidos no Brasil com grande aceitação pelo público infantil.

Um fato que pode nos interessar encontra-se na biografia do autor Samuel Dashiel Hammett que fora preso pelo FBI em 1942, por apresentar uma postura comunista. O fato

mais surpreendente está relacionado ao “como” Hammett chamou a atenção dos federais a ele. Foi por um trabalho desenvolvido para o jornal intitulado *Agent Secret X-9*⁷.

Após sua prisão, outros roteiristas ficaram responsáveis pelo HQ, foi esta fase que circulou no Brasil e discutiremos a partir de agora.

Uma história do Agente secreto X-9

Para realizar uma análise da história, escolhemos a utilização do número 426 da revista. Esta fonte foi escolhida por uma razão especial: dentro de todo o conjunto da X-9 ela não representa nada de especial. Tende a ser tão normal quanto as outras. Para a nossa pretensão é perfeita. Sua única diferença para o conjunto geral seria a capa, que ao invés da companhia do título de novela de um dos “grandes” detetives da revista, tem ao lado da tradicional “loira amedrontada” o título de uma das reportagens policiais romanceadas “Uma pitada de Arsênico” do “suplemento amarelo do crime”. No mais, o número 426 não traz novidades editoriais ou novos temas.

Na seção O agente secreto X-9, encontra-se a seqüência de uma história iniciada no número anterior, onde Phil Corrigan (nome do Agente Secreto X-9 após 1945) encontra-se em um quarto de hotel junto a sua esposa, ambos discutem o resultados de sua última aventura⁸. Na história anterior, esposa de Phil, Hilda, havia sofrido uma tentativa de seqüestro, onde ela serviria de refém para um assalto a banco. Um dos suspeitos havia fugido, tratava-se de um comediante que podia “imitar vozes”. Seu nome Jack Mimicus. Hilda afirma que pode reconhecer a voz do bandido e Corrigan encontra uma nota no jornal local, promovendo uma apresentação de ventriloquismo, provavelmente o homem que pode ser o suspeito. Depois de Hilda reconhecer o suspeito, Corrigan o prende sem nenhuma trama mais complexa.

É então que algo de surpreendente acontece, dentro dos padrões de HQs policiais, a história tem uma página inteira das então férias da família Corrigan: são dez quadrinhos onde nada, a não ser a representação de uma família de classe média norte americana foi

apresentada em sua “felicidade”. O leitor, atual, fica perplexo com o conjunto de informações veiculadas na revista, pois em páginas anteriores ele se deparava com o “caso verdade” da velhinha que envenenara seu marido e fora condenada à cadeira elétrica, ou um conto que descreve como uma família de chineses tortura um agente da narcóticos. Inesperadamente o leitor se depara com um momento de lazer e relaxamento que deixariam muitas das peças publicitárias veiculadas em outras revistas do período, pouco à vontade.⁹

No trabalho de Anna Cristina Figueiredo “A liberdade é uma calça jeans azul velha e desbotada”¹⁰, a autora identifica nas peças publicitárias de revistas do mesmo período, uma relação próxima a que estamos a observar, imagens construídas pela mídia sobre modelos de família e o surgimento de uma sociedade de consumo onde o lazer e o trabalho têm espaços diferenciados. Nesta aventura do Agente Secreto X-9, podemos identificar ambas as relações tanto o modelo de família classe média, quanto as separações entre trabalho e lazer.

Os Corrigan então saem da cidade em direção ao Lago Kanda, indo aos seus familiares na *wildernes*. Lá encontram-se com sua filha Philda, Tio Junpy e Tia Mildred. Cabe aqui salientar a importância do cenário onde se passa a história, que nos propicia a observação de outra peça do imaginário: a *wilderness*. Esta palavra, muito semelhante a nossa definição de sertão, tem vários significados, para os estadunidenses, que remetem ao movimento colonizador do oeste americano; ao espaço selvagem onde o homem deve se encontrar ou fazer-se; e a outra estrutura discursiva relativa ao mito de formação dos Estados Unidos, que nomeia o estadunidense como “o povo eleito”, uma ligação estrita com o mito bíblico de Moises¹¹.

O fato torna-se mais interessante quando observamos a continuidade da história. Ao chegarem, Hilda elogia a elegância de Tia Mildred e eis que Phil Corrigan o Agente secreto X-9 tem seus pensamentos revelados em um balão “É... Elegante como um filhote de hipopótamo!”. Representação típica do modelo de classe média estadunidense do pós-guerra, visto que, tudo o que for desviante do modelo é motivo de crítica e desaprovação. Contudo as questões tornam-se mais complexas na seqüência.

Em poucos quadros, os Corrigan aparecem em confraternização em torno de uma churrasqueira onde vários hambúrgueres são motivo de felicidade, (muito embora a tradução seja panquecas).

Cena clichê, repetida inúmeras vezes em diversos filmes, séries, etc. estadunidense até nossos dias. Eis então que, após ter recebido elogios de Tia Mildred aos seus dotes culinários, o agente secreto lança a seguinte frase “os espões inimigos têm tentado roubar-me o segredo durante anos, Mildred! Está no molho!” Esta frase que tenta ironizar com o problema da guerra fria e reduzi-lo a confrontos simples e que parece inocente, carrega um forte apelo imaginário (e diga-se de passagem, bem aceito no Brasil, afinal estamos no número 426 e teremos pelo menos mais 200 exemplares da revista). O grande segredo dos estadunidenses não estava no molho, como disse o agente secreto, mas sim, neste modelo de família de classe média, que terá sua propaganda exportada pelo mundo inteiro, seja nas páginas de revistas como a X-9 ou em outras como a Seleções do *Reader Digest*, analisadas por Marie Anna Junqueira que nos diz, que imaginário a cerca do modelo de sociedade ideal havia sido alcançado por acreditarem os estadunidenses ter uma sociedade pautada em uma enorme classe média.

Esta classe média se imagina perfeita e sem problemas. Contudo, apresenta-se repleta de preconceitos e neuroses, tão narcisista que possibilita tornar-se o modelo ideal para tal afirmação. Richard Sennett identificou o narcisismo como “um distúrbio de caráter; é a preocupação consigo mesmo que impede alguém de entender aquilo que é inerente ao domínio do eu e da autogratificação e aquilo que não lhe é inerente”¹², confundindo assim as esferas do público e privado; mas, ao mesmo tempo, impedindo a psique de romper com o modelo imaginário posto. O fato mais relevante dentro desta análise está na dificuldade de entender a alteridade. O que sobra neste modelo? Dentro da perspectiva introduzida por Sennett, observamos que os problemas resultantes da vida em sociedade e mais especificamente em uma sociedade informada por um modelo narcisista (como a representado em o Agente Secreto X-9) é aquela sociedade que, se por um lado não convive com a diferença, por outro, não consegue identificar seus problemas como vindos

de seu próprio interior; logo algo externo a sua sociedade deve ser culpado por seus problemas, chegamos ao ponto principal: o inimigo.

Se esta sociedade precisa culpar alguém por seu infortúnio, que melhor representação que o romance policial, que tem em sua estrutura fundamental o inimigo social, caracterizado na figura do grande vilão ou assassino voraz ou ainda do ladrão. O marginal, não apenas no sentido do contraventor, mas, também como ser que se encontra em uma fronteira imaginária, não podendo existir nos ambientes públicos, recebeu também a culpa de todos os problemas desta sociedade, voltada ao narcisismo. No entanto, o inimigo social será resignificado nas páginas do Agente Secreto X-9 por outro problema do pós-guerra, nesta história o inimigo não é apenas social, mas, também é político.

Após os momentos de lazer com a família, Corrigan, manda à cidade sua filha, juntamente com seus tios, ficando apenas ele e sua esposa. Próximo a sua propriedade, reside o Príncipe Iguana, antigo regente de um país chamado Abysmalstan, que havia sido expulso de seu país por ter envolvimento com o partido comunista. Então Corrigan revela sua missão: investigar o príncipe. No entanto, Iguana havia recebido uma visita indesejada antes da sua. Era um membro do partido que viera buscar um artefato, este que revelaria o paradeiro de um campo diamantífero. O impressionante desenho do comunista que usa um terno risca-de-giz (roupa que ficou famosa nos filmes de *gangsteres*) e um turbante (que remetia o homem ao oriente) o que impressiona é a tentativa de torná-lo uma forma bestial, seu desenho lembra a figura de um gorila, e sua fala não é menos agressiva, pois ameaça o Príncipe Iguana da seguinte forma: “**O partido** mandou-me levar a pérola... ou um jornal com a notícia de seu ‘passamento!’”¹³. O processo se torna mais agressivo quando o leitor termina a leitura da história com Corrigan dizendo: “foi outrora príncipe de Abysmalstan e agora só tem dinheiro, substituto inadequado de amigos!”.

De um lado a representação dos comunistas se faz por meio do desprezo a vida e da ganância, por outro a classe média estadunidense aparece como desapegada de bens materiais e forjada no modelo familiar. O inimigo parecia implícito, encontra-se em uma

representação desumanizada e cruel e a moral da história se configura como um conflito onde a classe media torna-se o estandarte da vitória.

A X-9 torna-se então uma dupla representação, representa uma nova esfera publica que solidifica-se no Brasil mas também representa um outro aspecto da vida política no ambiente brasileiro da década de 1950, pois a revista e especificamente a HQ Agente Secreto X-9 que fora idealizada pelo autor comunista Dashiell Hammett fora apropriada por um imaginário anticomunista e tornou-se não uma HQ policial apenas, mas sim, uma peça publicitária imperialista que vendia a imagem de uma classe media redentora.

¹ Os syndicates era representantes que vendiam os direitos de publicação da história em quadrinhos assim como de outros materiais para a mídia. Ver GONÇALO JUNIOR. **A Guerra dos Gibis: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

² Ver REIMÃO, Sandra. **O que é romance policial**. São Paulo: Brasiliense, 1983. e MANDEL, Ernest. **Delícias do crime: história social do romance policial**. São Paulo: Busca Vida, 1988.

³ Esta técnica foi desenvolvida dentro do modelo folhetinesco ou seriado para maiores informações ver: MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma historia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴ Contudo a revista “X-9” Também se diferencia de outras revistas como a Seleções do *Reader Digest*, pois sua produção editorial era nacional, editada pela Rio Grafia Editores, que pertencia ao grupo Globo.

⁵ O trabalho de Hammett foi re-editado pela edições 70 em 1982 em sete volumes como titulo “Agente Secreto X-9”

⁶ Deste momento em diante usaremos o a sigla HQ ou HQs.

⁷ Ver JOHNSON, Diane. **Dashiell Hammett: uma vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

⁸ Revista X-9, número 426, jun de 1959. todas as citações a fontes são referente a este número da revista.

⁹ Os textos descritos são dos artigos “Uma pitada de arsênico” e “Crueldade chinesa” nas seguinte páginas 46 e 52.

¹⁰ FIGUEREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. **“Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”** Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964). São Paulo: HUCITEC, 1998.

¹¹ JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao Sul do Rio Grande – imaginário e América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000. Principalmente cap. II.

¹² SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.21.

¹³ *grifo nosso*